

WŁADYSŁAW REYMONT

# REVOLTA

---

Traduzido do original polaco por  
VIOLETTA GAWOR

## VI

Um as nuvens enormes, semelhantes a pedregulhos cor de ferrugem, cobriram o céu repentinamente e começaram a despedaçar-se, espalhando-se em escombros desintegrados. A paisagem azul estava a perder-se sob esses fragmentos. As distantes áreas escureciam ameaçadoramente. A luminosidade ia-se apagando. Os cegantes olhos do dia cobriam-se de albugens. O vento veloz gemia com um assobio penetrante. Alguns pássaros gritavam horrendamente. Uns rugidos de florestas invisíveis bramiam como se fossem mares agitados por furacões. Um as ensanguentadas línguas de relâmpagos silenciosos cintilavam no soturno espaço cinéreo. Um estrondo insano e selvagem erguia-se da terra repetidas vezes, enquanto na estepe surgiam tornados, um após o outro, que, girando como enormes e altíssimos fusos, enrolavam uns nos outros um fio esmaecido do dia. Subitamente, irrompeu um silêncio aterrador. As ilusões dos fusos monstruosos giravam, dando voltas bêbadas cada vez com mais rapidez. Pareciam uma floresta de troncos nus, rematados por coroas fulvas de novelos embaraçados. Num abrir e fechar de olhos, encontrou uma terrível banda de raios. Bateram com tanta densidade que se tornaram um só trovão apavorante, do

qual se desmoronaram as nuvens e cobriram a terra com areias de pesadas névoas sufocantes. Tudo se perdeu num impenetrável sombrio cinzento, e a terra parecia cair em abismos insondáveis sob os furacões de trovões incessantes. Todas as criaturas ficaram imóveis num pavor mortal. Poderes inconcebíveis calcavam a terra trémula. Os trovões cantavam um canto sobre a sua destruição absoluta. Os ventos silvavam a destruição total, elevando-se nessa escuridão de tal modo que a terra já não passava de um amontoado de areias a serem espalhadas pelo infinito.

«Não se mexam! Fiquem deitados onde estão!» Eram uivados os comandos, porque os rebanhos e as manadas desatavam a fugir. O *Rex*, com os cães-pastores e um grupo de lobos, corria entre os animais e já ordenava obediência com os dentes. Passado algum tempo, mal conseguia ganir, e da sua boca espumada escorria apenas uma baba ensanguentada. Esforçou-se imenso e, tendo dominado o pavor universal, tombou com a língua de fora numa colina, ofegante de tanta labuta. Os rebanhos e as manadas espalharam-se à volta da colina num círculo impenetrável para a vista. O incompreensível que estava a acontecer no céu e na terra torturava-os com um medo insano. O ar tremia devido aos longos e lamentáveis rugidos e gemidos! Os cavalos batiam contra o chão aos relinchos. Na profunda escuridão cinzenta, brilhavam os olhos esverdeados das ovelhas e ouviam-se reclamações aos balidos lacrimajantes. Os uivos dos lobos, trémulos de medo, irrompiam em diferentes direcções. Os cães pareciam enlouquecidos, estavam constantemente a rastrear com os focinhos no chão, não se sabia bem porquê. Os mugidos saudosos das vacas e dos bois ressoavam num baixo lúgubre. Até os porcos, por norma tão sabiamente indiferentes, grunhiam inquietos, pois todos sofriam de igual modo.

Para piorar a situação desgraçada, aquelas névoas secas colavam-se à pele como mantos gelados, penetrando até aos ossos. Então, com frequência, levantavam-se as cabeças pesadas e os olhos lacrimejantes que vagavam na escuridão. Ainda nada anunciava qualquer mudança. O dia não vinha e as névoas continuavam a adensar-se. Apenas o *Rex* não perdia a paciência e o autocontrolo. Já passara por muitas intempéries. Lembrou-se de uma atemorizante tempestade de neve que o assombrara durante três dias no meio dos campos. Esperou que ela passasse, faminto, debaixo de um penedo.

— Os estábulos eram sempre quentes e silenciosos. Estavam bem ali — rosnuu impaciente com os gemidos dos animais.

— Os lobos também não gostam deste tempo! — respondeu a rosnar um dos cães-pastores, levantando as orelhas.

— Que procurem um melhor — disse irritado com essas reclamações constantes.

— E se essa tenebrosidade não acabar! — suspirou um deles, coçando-se intensamente.

— Então, vais morrer juntamente com as tuas pulgas. Não há nada a fazer! Agora, é tempo de dormir!

Estendeu-se o mais confortavelmente possível e tentou adormecer.

O furacão seguia para outro lado. Os estouros dos trovões estavam a ficar cada vez mais distantes. Silenciavam-se também as vozes dos animais. Os ventos voavam, embora batendo com as asas languescidas. Vinha devagar um silêncio frio. Uma calma pétrea estava a tomar conta de todos, os corações batiam cada vez mais tranquilamente, os pavores desvaneciam-se e, a seguir, aparecia o piedoso irmão sono, que escravizava com o milagre do esquecimento. As pálpebras febris fechavam-se, os focinhos apagados caíam ao chão, e um doce

deleite despia os fatigados. Por fim, o *Rex* também dormitou, assegurando-se apenas, antes de adormecer, de que a verdadeira noite já tinha chegado. Porém, acordava com frequência, subia as orelhas, espreguiçava-se e farejava, mas, ao sentir o cheiro agudo da geadá com as narinas, voltava a colocar o nariz entre as patas e a dormir.

Nem o mais inaudível murmúrio tocou nesse silêncio mortal. Imensas névoas jaziam tão mortas quanto são mortas as pedras e entregues ao tempo para as devorar. O ritmo da vida ensurdeceu e escondeu-se na inércia.

Podia já passar da meia-noite, a hora em que os galos cantam sempre nas aldeias, quando o *Rex*, de repente, acordou bruscamente com o pêlo eriçado e as orelhas em pé. Estava a ouvir com nitidez uma voz familiar a chamar, a voz do Mudo. Só não estava a conseguir discernir de que lado. Saiu aos pulos do seu leito e pôs-se a correr e a saltar descontroladamente em amplos círculos. O murmúrio do rapaz ecoou por muito tempo algures à sua frente ou acima, mas não conseguiu alcançá-lo. Por isso, voltou ao lugar onde dormia, sem fôlego.

— Já não sobrou um osso dele! — com essa reflexão calou as súbitas saudades do amigo. — Ou voltou para os seus e chamou-me? Em vez de respostas, a memória abriu bem abertos os seus celeiros mágicos e encheu-os com os resquícios vivos das experiências passadas. Com os olhos arregalados, mas cegos, olhou para aqueles espelhos maravilhosos. Como se saltasse para os tempos transactos, aparentemente mortos, e voltasse a vivê-los. Ladrou com alegria ao ver o solar. Batia com a cauda nos seus flancos ao percorrer os cómodos. Esticou-se, pronto para dar um pulo, ao reparar nos cães-salchichas. Perseguia uma jovem lebre num restolho. Ou encostava-se a ganir às pernas do seu dono. Ou dormitava sobre a pele de um leão, observando, sonolento, o fogo a

apagar-se na lareira. Por fim, atirou-se bruscamente a um inimigo, caindo no dorso de uns cães-pastores a dormirem ao seu lado. As alucinações desapareceram. Só havia uma noite cinzenta, o silêncio e os animais adormecidos. No entanto, não voltou a ter saudades do passado. Já se tornara odioso para ele.

— Ao leste! Ao sol! — toda a sua fé e esperança cantaram nele com uma nova força. A preocupação com os rebanhos e as manadas voltou, absorvendo toda a sua atenção e todas as suas forças. Ficou a preparar-se para um próximo acto de salvação.

— Vai chegar a Primavera e lá não haverá nem um único cavalo, nem um único boi, nem sequer um cão. Vão morrer à fome. Quem fará tudo em substituição deles? Com uma corrente de sangue quente, que saíra do inimigo, fluíam através dele doces sentimentos de vingança contra os humanos. Estremeceu de repente, virando as narinas para o outro lado, pois sentiu uma onda de fedor horrendo proveniente dos rebanhos e das manadas.

— Vamos asfixiar! Verifiquem se eles não se deitam demasiado perto uns dos outros.

— Nas propriedades dos humanos não cheirava mal. Afinal, não costumavam juntar isso em pilhas que depois mandavam embora? — rosnou um.

— Os humanos devoram qualquer coisa que um irmão nosso não iria sequer cheirar.

— Nunca mais vem o dia, está na hora! — passou os olhos preocupados pela escuridão, mas ainda nada anunciava o alvorecer. Sentia com o seu instinto infalível que o sol já devia ter nascido. Os cães-pastores sabiam o mesmo. Remexiam-se e ganiam ao portão daquela noite sem fim. O dono não o abria e não deixava o sol sair.

— Talvez se tenha perdido algures nesses campos azuis!

— Afinal, já aconteceu o dono ter adormecido... Tinha o hábito de ladrar à porta até ele acordar.

— Era habitual voltar da vigia nocturna directamente para junto do fogão. As batatas chocalhavam no tacho, o toucinho chiava, o lume aquecia, enquanto lá fora estava frio e havia neve! Era um paraíso! Um paraíso! — lembravam em voz baixa. Mas foram interrompidos pela voz estrondosa do *Rex*.

— Ao leste! Vamos embora! — a ordem sobrevoou a multidão, até chegar à orla do acampamento. Os animais levantaram-se com preguiça, estavam cansados, cheios de frio e famintos. Obedientes por um hábito passivo, avançaram numa ordem bastante punitiva, atravessando os vazios enevoados. Os uivos lupinos e os seus caninos incitavam-nos a apressarem-se.

— Onde está o sol? Onde está o dia? Onde? — lamentavam com tristeza.

Os grouns não lhes cantaram a sua canção matinal diária.

Arrastavam-se com as cabeças baixas, parando pelo mais simples motivo e roendo umas folhas amargas de quaisquer arbustos. Uma geada espessa crepitava sob os pés, de vez em quando, o gelo em crostas finas quebrava-se sob as suas patas e cortava a pele das pernas como se fossem facas. Além disso, andavam completamente às cegas, dando passos num amplo espaço cinzento, batendo e tropeçando com frequência em pedras, árvores e uns contra os outros, o que fazia com que, muitas vezes, irrompessem maldições e zangas.

— Vamos partir as patas! Para aonde é que nos estão a levar? Os campos eram sempre planos! — ganiam.

De nada adiantava serem apressados. Andavam cada vez com mais relutância, mais pavor e mais apatia. Uns grupos de animais separavam-se das fileiras e, ficando para trás, caíam no chão como troncos serrados. Outros

paravam repentinamente, com medo de se mexer, e começavam a rugir a plenos pulmões. As presas e as garras dos lobos ainda faziam com que conseguissem, mas com dificuldade, reunir os rebanhos e as manadas, continuando a dirigi-los para diante. Porém, todos os ligamentos já se quebravam e era um trabalho árduo impor uma relativa obediência. A viagem estava a tornar-se um tormento indescritível. Não se distinguiam dias, nem noites, nem horas bem definidas. Por isso, mais e mais desordem se insinuava. Dormiam quando quisessem e levantavam-se quando lhes apetecesse. Descansavam cada vez com mais frequência e durante mais tempo, e, tendo comido até musgos e líquenes miseráveis, e saciando a sede com lambidas da geadá, seguiam em frente com um passo trágico de condenados. Havia grupos grandes de animais que preferiam ficar e morrer a continuar a sofrer assim. A esperança extinguiu-se no seu interior, e esse cinzento espaço monótono, que não passava nem por um piscar de olhos, estava a massacrá-los. Além disso, tinham a sensação de que o tempo passava inacreditavelmente devagar, e essa cegueira forçada parecia acabar com eles. Estavam a perder até os seus instintos primitivos. Já poucos sentiam a noite chegar ou o dia nascer. Andavam e andavam sem parar, sem compreender se nessas andanças se passavam dias, semanas ou mesmo anos! Parecia que tinham vaguedo durante uma eternidade e que se iriam sempre arrastar nessa viagem cinzenta e imensurável. Famintos, mortalmente exaustos, cegos, ainda não mortos, mas entregues a uma morte horrenda e lenta. E o dia misericordioso não chegava, e nem um único raio piedoso brilhou, nem um. O sofrimento aumentava de dia para dia, e crescia uma tamanha falta de esperança que cessavam as lamentações, silenciavam-se as queixas, faltavam as forças para protestar, arrastavam-se



como inúmeros cortejos de alucinações apáticas e sonolentas, dos quais jorrava de vez em quando para o céu tapado um ou outro bramido muito perturbador e cheio de desespero.

Finalmente, o *Coxo* foi fazer o reconhecimento do terreno. Demorou bastante tempo, mas voltou com os olhos resignados.

— Não vi o sol. Não está em lado nenhum, mesmo nenhum, nenhum — gemeu dolorosamente. — Fui ao leste. Procurei no oeste. E no sul passei por essas nebulosas e em todos os lugares existe a mesma noite terrível e impenetrável. Nem um único raio em lado nenhum! — disse em desespero.

A seguir, o *Rex* decidiu averiguar e foi para bem longe no seu garanhão preto, calcando tudo o que estava no caminho como se fosse um vendaval. E também voltou sem nada de novo. Uma espuma sanguinolenta escorria das suas presas e os seus olhos brilhavam lugubrememente. Atirou-se para o chão ao lado dos cães-pastores e, por muito tempo, ficou ofegante com tanto esforço. A notícia da sua expedição espalhou-se com a rapidez de um relâmpago, e foi brevemente rodeado por uma multidão impaciente que queria ao menos esperança.

— A noite ainda vai ser um obstáculo para muitas marchas — não quis e teve medo de revelar toda a verdade. — Encontrei os grous... Contaram que, daqui a uns dias, vai clarear... viram o sol... está de volta para a terra... Não tenham medo... Aguentem mais uns dias! Tenham paciência... Coragem... — balbuciou solenemente.

— Quem não te conhece que te compre! — rosnou um animal insatisfeito com o que ouviu.

— Só o ser humano nos pode tirar deste emaranhado — soou um rugido descarado.

— Calem-se! Quem repetir este nome vai ser morto — respondeu o *Rex* furibundo, com as presas à vista.